

O CAPITALISMO COMO RELIGIÃO



Walter Benjamin, foto de passaporte, 1928.

O CAPITALISMO COMO RELIGIÃO

WALTER BENJAMIN

organização

Michael Löwy

tradução

Nélio Schneider



Copyright © Boitempo, 2013

Tradução dos originais em alemão em *Gesammelte Schriften* (7v., org. Rolf Tiedemann, Hermann Schweppenhäuser et al., Frankfurt, Suhrkamp, 1972-1991).

<i>Coordenação editorial</i>	Ivana Jinkings
<i>Editores-adjuntos</i>	Bibiana Leme e João Alexandre Peschanski
<i>Coordenação de produção</i>	Livia Campos
<i>Assistência de produção</i>	Isabella Teixeira
<i>Tradução</i>	Nélio Schneider
<i>Revisão</i>	Lucas Cartaxo e Thaisa Burani
<i>Índice onomástico</i>	Alícia Toffani e Artur Renzo
<i>Capa</i>	David Amiel
<i>Diagramação</i>	Acqua Estúdio Gráfico

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

B416c

Benjamin, Walter, 1892-1940

O capitalismo como religião / Walter Benjamin ; [organização Michael Löwy ; tradução Nélio Schneider, Renato Ribeiro Pompeu]. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2013.

192 p. ; 23 cm. (Marxismo e literatura)

Inclui índice

ISBN 978-85-7559-329-5

1. Ciência política. 2. Ciências sociais. 3. Materialismo histórico. 4. Capitalismo. 5. Teoria crítica. 6. Civilização moderna - Aspectos sociais. I. Löwy, Michael. II. Título. III. Série.

13-02886

CDD: 320

CDU: 32

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: julho de 2013; 1ª reimpressão: dezembro de 2013;
2ª reimpressão: novembro de 2014; 3ª reimpressão: julho de 2017;
4ª reimpressão: novembro de 2019; 5ª reimpressão: julho de 2021;
6ª reimpressão: outubro de 2023

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br

boitempoeditorial.com.br | blogdaboitempo.com.br
facebook.com/boitempo | twitter.com/editoraboitempo
youtube.com/tvboitempo | instagram.com/boitempo

Sumário

<i>Prefácio</i> – WALTER BENJAMIN, CRÍTICO DA CIVILIZAÇÃO	7
1. O CAPITALISMO COMO RELIGIÃO	21
2. DIÁLOGO SOBRE A RELIGIOSIDADE DO NOSSO TEMPO.....	27
3. ROMANTISMO.....	53
4. DRAMA BARROCO E TRAGÉDIA	59
5. O SIGNIFICADO DA LINGUAGEM NO DRAMA BARROCO E NA TRAGÉDIA	63
6. AS ARMAS DO FUTURO	69
7. DE CIDADÃO DO MUNDO A GRÃO-BURGUÊS	73
8. BERNOULLI, BACHOFEN.....	117
9. TRÊS LIVROS	119
10. LIVROS QUE PERMANECERAM VIVOS	125
11. CRÍTICA TEOLÓGICA	127
12. E. T. A. HOFFMANN E OSKAR PANIZZA	131
13. UM ENTUSIASTA NA CÁTEDRA: FRANZ VON BAADER.....	139
14. INSTITUTO ALEMÃO DE LIVRE PESQUISA.....	145
15. CRÔNICA DOS DESEMPREGADOS ALEMÃES	159
16. BÉGUIN, L'ÂME ROMANTIQUE.....	167
17. BRION, BARTOLOMÉ DE LAS CASAS	171
<i>Índice onomástico</i>	173
<i>Sobre o autor e o organizador</i>	191



Loredano

Siglas

(nota numerada) – Nota do autor

N. E. – Nota desta edição

N. E. A. – Nota da edição alemã

N. T. – Nota do tradutor

AS ARMAS DO FUTURO^aBatalhas com cloroacetofenona, difenilamina cloroarsina
e sulfeto de dicloroetila

As designações anteriores serão tão populares na próxima guerra quanto “trincheira”, “submarino”, “Berta Gorda”^b e “tanque” foram na passada. Para os vocábulos químicos difíceis de pronunciar serão adotadas em poucos dias cômodas abreviações. E essas expressões promovidas em poucas horas a uma atualidade jamais imaginada superarão em popularidade o vocabulário de todos os relatórios dos *fronts* escritos de 1914 a 1918.

Elas dizem respeito a cada pessoa diretamente. A guerra vindoura terá um *front* espectral. Um *front* que será deslocado fantasmagoricamente ora para esta ora para aquela metrópole, para suas ruas, diante da porta de cada uma de suas casas. Ademais, essa guerra, a guerra do gás que vem dos ares, representará um risco literalmente “de tirar o fôlego”, em que esse termo assumirá um sentido até agora desconhecido. Porque sua peculiaridade estratégica mais incisiva reside nisto: ser a forma mais pura e radical de guerra ofensiva. Não há defesa eficiente contra os ataques com gás pelo ar. Até mesmo as medidas privadas de proteção, as máscaras antigás, falham na maioria dos casos. Por conseguinte, o ritmo do conflito bélico vindouro será ditado pela tentativa não só de defender-se, mas também de suplantar os terrores provocados pelo inimigo por terrores dez vezes maiores. Em consequência, é irrelevante quando teóricos mais

^a Publicado originalmente em *Vossische Zeitung*, 29 jun. 1925, edição vespertina.

Esse artigo foi firmado com as letras *dsb*, as iniciais de Dora Sophie, esposa de Benjamin. Contudo, visto que ele o incluiu no *Índice dos meus trabalhos publicados* (*Benjamin-Archiv*, Ms 1834-1843) e guardou uma cópia do mesmo entre os recortes de jornal das suas publicações, é provável que seja de sua autoria.

Vários trechos desse artigo foram reutilizados por Benjamin no texto crítico “Theorien des deutschen Faschismus [Teorias do fascismo alemão]”, em *Gesammelte Schriften III* (org. Hella Tiedemann-Bartels, Frankfurt, Suhrkamp, 1972), p. 239s. (N. E. A.)

Texto-base da tradução: Walter Benjamin, *Gesammelte Schriften IV/1* (org. Tillman Rexroth, Frankfurt, Suhrkamp, 1972), p. 473-6, 1033. (N. E.)

^b *Dicke Bertha*, em alemão, era o apelido de um moorteiro de 42 centímetros, desenvolvido pela firma alemã Krupp para a Primeira Guerra Mundial. (N. T.)

bem intencionados acenam com a perspectiva “humana” do gás lacrimogêneo, e até procuram criar simpatia pela guerra com o gás, comparando-a com a guerra aérea com materiais explosivos. Outros já têm a visão mais aguçada quando colocam de antemão e em primeiro plano, como motivo para o ataque com gás (cuja importância crescente já foi ensinada pela guerra passada), o seguinte: a finalidade última das ações da frota aérea deve ser destruir a vontade de resistência inimiga. Alguns poucos “raids [ataques]” devem infundir na população dos centros inimigos um terror inconsciente tal que malogre qualquer apelo à organização da resistência. O terror deve ser algo similar à psicose.

Uma imagem que nada tem das utopias de Wells e Júlio Verne: nas ruas de Berlim, espalha-se sob o belo e radiante céu primaveril um cheiro parecido com o das violetas. Isso dura alguns minutos. Logo em seguida, o ar se tornará sufocante. Quem não lograr escapar da sua esfera de ação nos minutos seguintes não conseguirá mais reconhecer nada, perderá momentaneamente a visão. E se ainda não for bem-sucedido na fuga ou se nenhum transporte o recolher, morrerá sufocado. Tudo isso poderá suceder um dia sem que se veja no céu qualquer aeronave nem se perceba o ronco de uma hélice. O céu poderá estar claro e o sol brilhando, mas invisível e inaudível, a uma altitude de 5 mil metros para um esquadrão aéreo respingando cloroacetofenona, gás lacrimogêneo, o “mais humano” dos novos recursos que, como se sabe, já teve certa importância nos ataques com gás da última guerra.

Não há meio confiável que permite perceber a presença dos esquadrões entre cinco e seis quilômetros acima da superfície da Terra. Ao menos publicamente não se conhece nenhum. É que a *ouverture* abafada que há anos está sendo executada nos laboratórios químicos e técnicos só chega aos ouvidos do público em forma de dissonâncias isoladas. Esporadicamente fica-se sabendo de coisas, como da invenção de um receptor acústico muito sensível, capaz de registrar o ronco de hélices a grandes distâncias. E alguns meses depois ouve-se falar da invenção de uma aeronave silenciosa.

Alguns fatos que o correspondente de guerra norte-americano William G. Shepherd divulga no *Liberty* sobre a “aplicabilidade” do parque aeronáutico francês na guerra são ilustrativos.

A França possui hoje pelo menos 2.500 aeronaves no serviço ativo à paz; há mais na reserva. A tonelagem total das forças aéreas francesas, dependendo da altitude de voo, comporta entre seiscentas e 3 mil toneladas. Shepherd põe Londres como alvo. O centro de Londres, sede de todos os institutos vitais do Império britânico, cobre quatro milhas quadradas inglesas. Para se tornar

inabitável por vários meses, essa área exige a aplicação de 120 toneladas de sulfeto de dicloroetila, o gás mostarda. Considerando que sobre esse território podem voar ao mesmo tempo – dentro da mesma camada atmosférica, naturalmente – no máximo 250 aviadores, cada um deles carregando pelo menos 250 quilos, e que esse esquadrão despeje uma tonelada por minuto, o coração do Império mundial britânico – sempre de acordo com a abordagem de Shepherd – terá parado de bater após dois minutos.

O aspecto problemático dessas exposições é que a fantasia humana se recusa a acompanhá-las, e justamente a monstruosidade do destino ameaçador se torna um pretexto para a inércia mental. Sua tentativa de convencimento sempre resulta em que uma guerra dessas ou é de todo “impossível” ou seria de extrema brevidade. Na verdade, essa guerra só terminaria num breve instante se a respectiva base dos esquadrões aeronáuticos fosse conhecida dos combatentes. Não é esse o caso. Pois essa base de modo algum precisa situar-se em terra. Em algum lugar do oceano, as aeronaves podem alçar voo de navios porta-aviões, que mudam constantemente sua localização sobre as águas.

Com o que se parecem os gases venenosos, cuja aplicação pressupõe a suspensão de todos os movimentos humanos? Conhecemos dezessete até agora, dos quais o gás mostarda e a lewisita são os mais importantes. As máscaras antigases não oferecem proteção contra eles. O gás mostarda corrói a carne e, quando não acarreta diretamente a morte, produz queimaduras cuja cura demanda três meses. Esse gás permanece virulento durante meses em objetos que entraram em contato com ele. Nas regiões que alguma vez foram alvo de um ataque com gás mostarda, meses depois, cada pisada no solo, cada maçaneta de porta e cada faca de pão ainda podem provocar a morte. O gás mostarda, a exemplo de muitos outros gases venenosos, torna todos os víveres incomestíveis e envenena a água. Os estrategistas imaginam assim a utilização desse recurso: certos distritos taticamente importantes devem ser cercados com barreiras de gás mostarda ou então de difenilamina clorasina. Dentro dessas barreiras tudo perece e nada consegue passar por elas. Desse modo, casas, cidades, campos podem ser preparados de tal forma que, durante meses, nenhuma vida animal ou vegetal é capaz de medrar neles. Nem é preciso dizer que, no caso da guerra com gás, cai por terra a diferenciação entre população civil e população combatente e, desse modo, um dos fundamentos mais sólidos do direito dos povos. A “lewisita” é um veneno à base de arsênico que penetra imediatamente no sangue, matando de forma irremediável e súbita tudo o que atinge. Durante meses todas as áreas atingidas por ataques com esse gás ficam empestadas de

cadáveres. Naturalmente não existe proteção contra ele em tais regiões: porões subterrâneos, que protegem quando muito de bombas explosivas, trazem a morte certa no caso de ataques com gás, porque o gás, pesado, tende para os lugares mais baixos.

Ora, como se sabe, o Comitê Central da Liga das Nações instituiu uma “Comissão para o Estudo da Guerra Química e Bacteriológica”. Dessa comissão participaram autoridades internacionais. Seu relatório não foi tratado com a devida consideração. A grande política ainda prioriza problemas de armamentismo e desarmamento cuja relevância se desfaz no ar frente aos fatos referentes aos preparativos para a guerra química. A persistência com que, na execução do Tratado de Versalhes pela Alemanha, foram questionados ridículos requisitos militares não tem só um aspecto desagradável, mas sobretudo algo de sumamente perigoso. Porque ela desvia a atenção pública do único problema atual do militarismo internacional.